

Uma Revolução feita para a fotografia¹

“uma foto apenas é capaz de dizer “isso foi” - Roland Barthes (1984:140)

Rodolfo Junqueira Fonseca - CMD/ PPGSOL – Unb – DF, Brasil

Maria Julia Andrade – UNIFESP – SP, Brasil

Palavras-chave: Memória, Fotografia, Revolução dos Cravos, Ditadura.



Cartaz de divulgação do curta-metragem Foto Revolução de Abril (2022)

Por meio de uma narrativa estabelecida na montagem entre fotografias, áudios, ruídos de arquivo e da voz off de duas entrevistas gravadas, o filme de curta-metragem² **Foto Revolução de Abril** (2022)³, desvela os pontos de vista, sensações, vivências e

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano: 2024);

² Mais informações sobre o curta documentário: <https://filmfreeway.com/Foto-RevolucaoDeAbril> e no Podcast Casa das Humanidades do CPDOC / FGV [Casa das Humanidades on Spotify](#)

³Filme realizado no contexto da Oficina Colaborativa de Audiovisual Brasil-Portugal: Ditaduras e Resistência(s), promovida pela Fundação Getúlio Vargas/CPDOC e a Fundação Mário Soares e Maria Barroso, de setembro de 2021 até abril de 2022, sob a coordenação de Adelina Cruz e Thais Blank (CPDOC-FGV) e Filipe Guimarães, Catarina Santos e Pedro Gomes (FMSMB). O filme foi co-dirigido pelos autores deste artigo, contou com montagem de Gabriel Borges (CPDOC-FGV) e o apoio na pesquisa de acervo e contextualização histórica da fundação portuguesa. O Filme recebeu o Prêmio Ana Galano ANPOCS 2023.

memórias de dois fotógrafos portugueses, Alfredo Cunha e Mário Varela, nos dias 25 e 26 de Abril de 1974, durante a Revolução dos Cravos, em Portugal - Lisboa.

Alfredo Cunha, reconhecido como o “Fotógrafo de 25 de Abril”, já era um jornalista e fotógrafo profissional em 1974, do Jornal português “O Século”. Já Mário Varela era um homem da cultura e estudante de arquitetura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Através de suas fotos realizadas em pontos de vista distintos diante dos acontecimentos, no mesmo dia e espaço urbano de Lisboa, é possível construir uma cartografia e descobrir novas miradas que revisitam o clima político e social da Revolução dos Cravos. Um marco da história portuguesa contemporânea que completa 50 anos em 2024.

Segundo o professor Ronaldo Entler (2008), “desejamos que a imagem funcione como memória objetiva, explicando o momento que lhe deu origem e, enquanto não puder fazê-lo, nós a guardamos e catalogamos na esperança de que um dia ela possa entregar efetivamente aquilo que tem a dizer. Mas o que ela tem a dizer?” Ele argumenta que um documento como a fotografia oferece poucas garantias de uma compreensão e leitura precisa, pois o discurso da fotografia é poroso, permeável às intenções, usos, contextos e memórias que a confrontam.

O que tem a nos dizer as imagens da Revolução dos Cravos hoje? A partir dessa reflexão, o filme busca alguns dos sentidos atuais das fotografias da Revolução dos Cravos na porosidade dos olhares e memórias sobre imagens conhecidas, e outras desconhecidas, integrantes do acervo da Fundação Mário Soares e Maria Barroso⁴, localizado em Lisboa, Portugal.

Trata-se de ver nas fotografias não apenas documentos históricos, mas novos olhares em detalhes e re-enquadramentos inéditos das imagens dos fotógrafos selecionados, isto, em diálogo com o discurso e memória dos próprios fotógrafos. Alfredo Cunha é hoje um reconhecido fotojornalista internacional e possui imagens icônicas da Revolução e guerras ao redor do mundo. Já Mário Varela Gomes é hoje um Professor e Arqueólogo na Universidade Nova Lisboa e fotógrafo amador.

⁴ A [Fundação Mário Soares e Maria Barroso \(fmsoaresbarroso.pt\)](http://fmsoaresbarroso.pt) é uma fundação privada, de utilidade pública, sem fins lucrativos, criada pela iniciativa e da ação do ex-Presidente da República Portuguesa, Mário Soares. A Fundação acolhe arquivos políticos portugueses do século XX, compreendendo documentação pessoal e política de Mário Soares e de Maria Barroso e diversos acervos essenciais para o conhecimento da História de Portugal, da Europa e do Mundo.

Dessa forma, o filme expõe suas memórias sobre suas próprias fotografias, revisitando seus pontos de vista à época, em sentimentos e vivências naqueles dias de radicais mudanças, e atualizam suas perspectivas, passados quase 50 anos da vida de cada um diante da renovação democrática da sociedade portuguesa.

Contextualização histórica da Revolução dos Cravos

Por 48 anos Portugal viveu a mais longa ditadura na Europa do Século XX. Foram tempos de forte repressão, censura, violência, mas também de resistência. A partir de 1961, várias gerações de homens foram obrigados, por ordem dos ditadores Salazar e Marcello Caetano, a combater contra a independência das colônias portuguesas do continente africano. Durante treze anos, lutaram contra os movimentos de libertação, em Angola, Moçambique e na Guiné.

A Ditadura em Portugal perdurou mesmo após a morte de Salazar e a promessa de certa abertura por parte do novo presidente, Marcello Caetano, não se concretizou. A perspectiva de ser obrigado a lutar na guerra colonial, que já durava treze anos⁵, era uma realidade que assombrava os homens jovens em Portugal, inclusive os fotógrafos personagens do filme.

A derrubada da ditadura é levada a cabo em 25 de Abril de 1974 por um levante de jovens militares intitulado Movimento das Forças Armadas - MFA, muitos deles haviam lutado na guerra colonial, com destaque para o Capitão Salgueiro Maia, retratado em algumas das fotos mais icônicas do fotógrafo Alfredo Cunha.

Durante a madrugada de 24 de abril, os jovens capitães iniciam as operações militares do levante ocorrido não apenas em Lisboa, mas em várias regiões do país, tendo como senha do Movimento duas músicas que ouviram através da rádio local. Tudo combinado sigilosamente: a primeira senha era a música “E depois do Adeus”, de Paulo de Carvalho, utilizada na abertura do filme, seguida pela contra-senha, a música “Grândola Vila Morena” de José Afonso, que confirma o prosseguimento do levante. Ambas as músicas já muito difundidas até fora de Portugal e símbolo de resistência democrática portuguesa até os dias de hoje.

Como a imensa maioria da população do país vivia sob uma forte censura e um clima de desconfiança e medo de serem presos e torturados pela temida polícia política,

⁵ Um total de 8.290 soldados portugueses morreram nos 13 anos de guerra colonial nas várias regiões da África lusófona - Fonte: [Cronologia 1970-1974 – DW – 11/12/2013](http://www.cronologia.com.br/1970-1974-DW-11/12/2013)

conhecida como PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), o Movimento naquele 25 de abril foi imediatamente apoiado pela população que toma as ruas, tomba os carros da polícia, e identifica os policiais da repressão para que fossem presos pelo Movimento das Forças Armadas imediatamente.

O então presidente Marcello Caetano abandona o cargo e se exila no Brasil, que naquele momento vivia a Ditadura Militar (1964-85). É estabelecido um governo provisório em Portugal e naquele mesmo ano a guerra colonial acaba, dando início ao processo de reconhecimento da independência de Angola, Moçambique e Guiné.

Parte do desafio de realização do filme “Foto Revolução de Abril” (2022) se colocava no fato de um brasileiro e uma brasileira desenvolverem um projeto audiovisual sobre a história de outro país. Isto, sem cometer equívocos ou imprecisões históricas, ainda que seja um país cuja história se entrelaça com a brasileira diante do passado colonial e da língua comum. Era preciso conhecer e ser fidedigno à história de Portugal, aparentemente próximo e conhecido em muitos aspectos, mas muito diferente por se tratar do continente europeu e das consequências do colonialismo português na África.

A seguir fotos da ocupação das ruas de Lisboa pela população portuguesa nos dias 25 e 26 de abril de 1974.



Foto de Mário Varela - abril de 1974, Portugal, Lisboa.



Fotos de Mário Varela - abril de 1974, Portugal, Lisboa.

Arquivos de fotografias da Revolução dos Cravos 50 anos depois

Em tempos de internet, redes sociais, excesso e difusão rápida de imagens digitais, pensar e comparar o papel da fotografia no início da década de 1970 com a atualidade é no mínimo contrastante, dentre os limitados rolos de filmes que acabavam e fotos que apenas se revelavam aos olhos após passarem pela química dos laboratórios. Naquela época, a fotografia, ainda que já mais acessível em equipamentos simplificados e mais baratos, ainda era um recurso escasso, custoso e cuja difusão era restrita e dominada por especialistas ou veículos de imprensa, muito ao contrário do que acontece hoje em dia.

De todo modo, esta comparação nos permite elucidar o poder e a capacidade mobilizadora que as fotografias possuem sobre os acontecimentos sociais e fatos históricos. Afinal, se o discurso da fotografia é poroso, permeável às intenções, usos, contextos e memórias que a confrontam, fotografias de veículos militares nas ruas com apoio da população podem ser utilizadas tanto para promover golpes militares em democracias quanto para promover o fim de ditaduras e opressões.



Foto de Alfredo Cunha com Capitão Salgueiro Maia à esquerda - abril de 1974, Portugal, Lisboa.

Por outro lado, ao rememorar a Revolução dos Cravos em um filme é preciso olhar além da mitologia desta efeméride em Portugal para entender que nas últimas eleições presidenciais portuguesas de 2022, por exemplo, a Revolução dos Cravos foi rememorada em manifestações de rua como símbolo de um Portugal democrático diante do risco de ascensão de uma direita nacionalista no país.

Nessa direção, o filme buscou não simplesmente reproduzir a mitologia do 25 de abril de 1974, mas contextualizar, aprofundar e questionar a data através de suas imagens, usos e discursos numa atualização do olhar com os próprios autores das imagens, respeitando os fatos e o momento histórico, mas evitando de toda forma o didatismo e a romantização da Revolução dos Cravos como um momento de transformações imediatas.

Procuramos, no filme, construir um diálogo entre as fotografias de dois jovens homens com histórias de vida bem diferentes, mas que viveram em paralelo a experiência de fotografar um momento histórico. Enquanto Mario Varela valorizou a participação da população naquele dia, sem heroificar personagens de nenhum tipo, Alfredo Cunha quis registrar o caminho do Movimento das Forças Armadas e seus protagonistas da chegada ao terreiro do Paço até a euforia popular após a rendição do presidente Marcello Caetano.

O Processo de construção do filme

Inicialmente, quando o roteiro do filme foi criado, haveria o uso de mais recursos históricos como materiais de imprensa da época e a entrevista adicional com um jornalista. Seria uma narrativa baseada em fotografias, entrevistas e fontes de imprensa, mas como em todo roteiro de filme documentário, a criação diante da descoberta e do imprevisto se tornam elementos preponderantes.

Assim, ao pesquisar o arquivo de fotos da Revolução de Abril disponível no endereço eletrônico da Fundação Mário Soares e Maria Barroso, vislumbramos nas imagens de Alfredo Cunha e Mário Varela a possibilidade de narrar exclusivamente com fotografias e voz off os dias 25 e 26 de abril de 1974. Vale destacar que o acesso aos fotógrafos, só foi possível com a intermediação da Fundação para realização de entrevistas individuais e a distância por meio do aplicativo zoom, ainda em meio a pandemia mundial de covid-19.

Quando tivemos a chance de entrevistá-los individualmente, e dialogarmos à medida em que compartilhamos em tela suas próprias fotografias do acervo da Fundação, investigando detalhes e novos enquadramentos, fomos entendendo como se deu o envolvimento de cada um e o engajamento da população portuguesa nas ruas.

Os fotógrafos, ao reverem suas fotografias, foram pouco a pouco se colocando não apenas como fotógrafos, mas como testemunhas do presente neste momento da história passada portuguesa. As entrevistas com os fotógrafos via aplicativo zoom duraram cada uma cerca de duas horas e passaram a ser consideradas arquivos de história oral da própria Fundação Mário Soares e Maria Barroso e do Núcleo de História Oral do CPDOC / FGV.

Ao olhar o arquivo de fotografias, um dos objetivos iniciais era saber com mais detalhes o que cada fotógrafo queria mostrar e, principalmente, como eles conseguiram fazer algumas das fotografias. Durante o diálogo estabelecido nas entrevistas percebemos que eles não conseguiam separar o ato fotográfico e a memória pessoal daqueles acontecimentos históricos vividos coletivamente. Tudo que eles contavam vinha carregado das memórias políticas e dos sentimentos de dois jovens daquele dia.

Nos relatos das entrevistas, realizadas em separado com cada fotógrafo, nos chamou atenção o fato de que os oficiais do Movimento das Forças Armadas portuguesas contra o regime, mesmo em uma situação de tensão, davam passe livre a qualquer um que segurasse uma câmera fotográfica ou se apresentasse como jornalista. A intenção, como

o fotógrafo Alfredo Cunha relata, era ter provas e documentos caso algo ocorresse mal ou fora do controle para se defender da posterior repressão e perseguição do regime.

Quando perguntamos o que buscaram mostrar com determinada fotografia naquele momento do passado, no geral as respostas dos dois fotógrafos coincidiam com o desejo dos militares revoltosos: o dever de documentar o momento histórico

É possível perceber este sentimento ou compromisso em suas fotos: a expectativa e o risco do levante, o cerco dos jovens militares à polícia política, ao edifício da Censura e ao refúgio do então presidente, ou ainda, pessoas tomando as ruas e subindo em monumentos, ônibus e até postes de iluminação pública para reafirmar com lençóis brancos a posição de que só sairiam depois da rendição do então presidente Marcello Caetano.

Em contraponto, os fotógrafos estavam em pontos de vista distintos diante dos acontecimentos. Alfredo Cunha, como jovem fotógrafo profissional, estava no centro dos acontecimentos, tinha acesso e informações adicionais desde o início do dia 24 de Abril. Já Mário Varela estava em meio ao movimento de estudantes e junto à multidão de pessoas comuns, e buscou fotografar intencionalmente também pessoas comuns.

O fotógrafo Alfredo Cunha relata, através de sua fotografia, a memória da conversa que teve com uma das principais lideranças do Movimento, o Capitão Salgueiro Maia. Depois de realizar repentinamente a fotografia do Capitão, houve entre os dois uma conversa de estranhamento mútuo, em que ambos queriam entender seus próprios papéis diante dos acontecimentos. Alfredo queria entender o porquê da movimentação de tanques no Terreiro do Paço de Lisboa desde cedo e o capitão queria saber se o fotógrafo era contra ou a favor da derrubada do Regime, ou mesmo, se não era um policial disfarçado.



Foto de Alfredo Cunha Capitão Salgueiro Maia - abril de 1974, Portugal, Lisboa.

As fotos e o diálogo com Alfredo Cunha e Mário Varela nos ajudam a entender como e porquê após a rendição do presidente herdeiro do salazarismo, a população subiu em festa em cima dos tanques de guerra tal como se subisse em carros alegóricos de carnaval.

O Movimento das Forças Armadas deflagrou um levante que de fato só se viabilizou com a pressão exercida pela ocupação generalizada da população, e à medida que ela se sentiu segura a ocupar as ruas após décadas de repressão, o que não se deu sem situações de conflito e violência relatadas pelos fotógrafos. Mesmo assim, a conjunção entre os jovens capitães militares e a população nas ruas proporcionou a derrubada de um regime ditatorial que já perdurava por 3 gerações (48 anos).

Por sua vez, para o filme buscamos nas imagens aquilo que havia de diferente, estranho, por vezes, irônico nas fotografias. Aos nossos olhos ver uma fotografia improvável de pessoas à volta de dois soldados armados, um deles deitado em posição de guerra no chão, ao mesmo tempo em que conversava com crianças é uma imagem estranha e uma situação, no mínimo, perigosa.



Foto de Alfredo Cunha - abril de 1974, Portugal, Lisboa.

Outra imagem curiosa são as pessoas em catarse sobre os tanques militares enquanto apenas a cabeça do soldado aparece impávido ao dirigir lentamente o veículo. Talvez só a fotografia associada ao relato de seu autor tenha a capacidade de demonstrar a euforia que representava a situação a seus conterrâneos portugueses.



Fotos de Mário Varela - abril de 1974, Portugal, Lisboa

Já a montagem do filme diante das fotografias e entrevistas se colocava como um novo desafio, pois precisávamos eleger dentre as horas de entrevistas e dezenas de fotografias aquelas que melhor contassem as vivências dos fotógrafos e os fatos históricos da memória coletiva durante a mobilização dos dias 25 e 26 de Abril de 1974 em Portugal.

Foi possível, na ilha de montagem, criar um diálogo entre os fotógrafos não ocorrido nas entrevistas, mas verdadeiro na realidade do filme, ampliando, combinando, comparando e contrapondo seus olhares, discursos, experiências e memórias das imagens dos dias da Revolução de Abril.



Foto de Mário Varela - abril de 1974, Portugal, Lisboa.

Imagens são dispositivos de memória, recontam histórias e provocam a memória

As Fotografias de Alfredo Cunha e Mário Varela sobre a Revolução de Abril nos ajudam a reconstruir, no presente, fatos do passado na medida em que seja possível remontar e atualizar seus sentidos e contextos que parecem mais originais na atualidade. Por isso, compreender por quem, como e em que condições foram realizadas no passado é fundamental para não perdermos sentidos e formas de entendê-las no presente da vida política e social portuguesa.

Ainda que o discurso e a leitura da fotografia sejam porosos e não ofereçam precisão, diante da permeabilidade de intenções, usos, contextos e memórias que a

confrontam, as fotografias podem ser usadas como dispositivos de memória, para recontar histórias e provocar a memória coletiva a refletir sobre o presente do seu passado.

Quando usamos as fotografias para reafirmar no presente o sentido político de contextos passados, atualizamos seu sentido político, agora, apropriados pelos sentidos presentes necessários na defesa democrática.

Hoje, quando olhamos para essas fotos, depois de ouvir os dois fotógrafos, percebemos novas camadas de sentido, mesmo em fotos já divulgadas na imprensa, em tantos lugares dentro e fora de Portugal. Hoje essas mesmas imagens são prova e memória da Revolução de Abril no presente quando associadas ao testemunho das pessoas que estiveram ali, vivificando o sentimento de liberdade que os moveu há quase 50 anos. As fotografias expostas no filme são dispositivos de memória da Revolução de Abril, recontam histórias e provocam a memória coletiva à reflexão sobre seu presente.

Como destaca Roland Barthes (1984): “a era da fotografia é também a era das revoluções” e como afirma o fotógrafo Alfredo Cunha ao longo do filme: “Foi uma revolução feita para a Fotografia”.



Foto de Alfredo Cunha - abril de 1974, Portugal, Lisboa

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. A câmara clara. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1984.

Ronaldo Entler. Memórias fixadas, sentidos itinerantes. republicado em Chris Marker - Bricouler Multimídia - Catálogo CCBB 2009.

SHORE, Stephen. A natureza das fotografias - Editora Cosac & Naify, São Paulo,

Fotos de Alfredo Cunha sobre o 25 de Abril expostas pela primeira vez em grande formato - 23 de abril de 2021 - SAPO - disponível em:

https://www.sapo.pt/noticias/atualidade/fotos-de-alfredo-cunha-sobre-o-25-de-abril_6082c106d8975112c79c71e1

Referências de pesquisa histórica

Arquivo Rádio e Televisão de Portugal - RTP - disponível em:

<https://arquivos.rtp.pt/colecoes/25-de-abril-de-1974/>

Arquivo Rádio e Televisão de Portugal - RTP - disponível em:

<https://media.rtp.pt/memoriasdarevolucao/>

Arquivo Rádio e Televisão de Portugal - RTP - disponível em:

<https://memoriasdarevolucao.pt>

Cinemateca de Lisboa - As Armas e o Povo (1975) – Filme documentário de longa-metragem - Colectivo dos Trabalhadores da Actividade Cinematográfica.

Cantigas do Maio - disco gravado por José Afonso - Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=XgCVHyQOKG0>

Deutsche Welle - Cronologia História Portugal - 1970-1974 – DW – 11/12/2013

Disponível em: <https://www.dw.com/pt-002/cronologia-1970-1974-da-intensifica%C3%A7%C3%A3o-da-luta-armada-%C3%A0-revolu%C3%A7%C3%A3o-dos-cravos/a-17280935>

Hemeroteca de Digital de Lisboa – disponível em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Indice/1974.htm>

Jornal Diário de notícias - 27 de abril de 2019 - disponível em:

<https://www.dn.pt/poder/os-ultimos-dias-de-peniche-10838196.html>

Museu Nacional Resistência e Liberdade - disponível em:

<http://www.museunacionalresistencialiberdade-peniche.gov.pt/pt/memorial-4/>

25 de Abril - Revolução dos cravos para Crianças

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=L97HG6I0N3E>